



Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório¹

Junho, 2021

O cheiro de cravo, a cor de Gabriela: crônica de um romance anunciado

<https://www.youtube.com/watch?v=KqBRcHU0xAI>

Março de 1994. Passeio pelas ruas de Ilhéus e me deparo com o bar Vesúvio, o mesmo do árabe Nacib, com o cheiro dos quibes e quitutes de Gabriela. Havia me mudado, fazia poucos dias, para a cidade onde Jorge Amado habitou e escreveu uma das suas histórias mais conhecidas: *Gabriela, cravo e canela*.²

Não assisti à novela da Globo de 1975³ (era criança pequena ainda, seis anos), não havia lido o livro. Mas agora, depois do término da leitura, parece que posso ver Gabriela descendo a ladeira com o tabuleiro de quitutes, da casa ao bar de Nacib, uma flor vermelha no cabelo, andar manhoso, de quem sabe ser vista, e consciente da beleza do sorriso que diz tudo. Glória, a amante do coronel Coriolano Ribeiro, também se estende na sacada da mesma praça do bar Vesúvio e da igreja de São Sebastião.

Gabriela foi escrito em 1958. O romance poderia ser lido como uma crônica de costumes romanceada, em que reconhecemos várias técnicas para aprimorar nosso curso on-line “Os mundos de dentro”, a escrita em progresso, nosso processo de criação. A

¹ Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

² AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*: crônica de uma cidade do interior. Posfácio: José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³ *Gabriela*. 1975. 132 episódios de 50 min. Brasil. Adaptação: Walter George Durst. Direção: Walter Avancini. Com Sônia Braga, Armando Bógus, Paulo Gracindo, Nívea Maria, José Wilker, Elizabeth Savalla, Marco Nanini, Marcos Paulo, Maria Fernanda, Angela Leal, Eloísa Mafalda, Dina Sfat, Fúlvio Stefanini, Rubens de Falco, Milton Gonçalves, entre outros.

começar pela forma de peça de teatro, com prólogo contextualizando a história da transformação da cidade na época áurea do cacau...

Essa história de amor – por curiosa coincidência, como diria dona Arminda – começou no mesmo dia claro, de sol primaveril, em que o fazendeiro Jesuíno Mendonça matou, a tiros de revólver, dona Sinhazinha Guedes Mendonça, sua esposa, expoente da sociedade local, morena mais para gorda, muito dada às festas de igreja, e o dr. Osmundo Pimentel, cirurgião-dentista chegado a Ilhéus há poucos meses, moço elegante, tirado a poeta. [...] Fazendo com que a cidade esquecesse os demais assuntos a comentar: o encalhe do navio da Costeira pela manhã na entrada da barra, o estabelecimento da primeira linha de ônibus ligando Ilhéus a Itabuna, o grande baile recente do Clube Progresso e, mesmo, a apaixonante questão levantada por Mundinho Falcão das dragas para a barra.⁴

... e cartaz de estreia de espetáculo na página de abertura do capítulo primeiro.

AVENTURAS & DESVENTURAS DE UM BOM BRASILEIRO
(NASCIDO NA SÍRIA) NA CIDADE DE ILHÉUS, EM 1925, QUANDO
FLORESCIA O CACAU & IMPERAVA O PROGRESSO,
COM
AMORES, ASSASSINATOS, BANQUETES, PRESÉPIOS,
HISTÓRIAS VARIADAS PARA TODOS OS GOSTOS,
UM REMOTO PASSADO GLORIOSO
DE NOBRES SOBERBOS & SALAFRÁRIOS,
UM RECENTE PASSADO
DE FAZENDEIROS RICOS & AFAMADOS JAGUNÇOS,
COM
SOLIDÃO & SUSPIROS, DESEJO, VINGANÇA, ÓDIO,
COM
CHUVAS E SOL
&
COM
LUAR, LEIS INFLEXÍVEIS, MANOBRAS POLÍTICAS,
O APAIXONANTE CASO DA BARRA,
COM
PRESTIDIGITADOR, DANÇARINA, MILAGRE
&
OUTRAS MÁGICAS
OU
UM BRASILEIRO DAS ARÁBIAS⁵

Além da antecipação dos acontecimentos na abertura dos capítulos, em forma de chamadas (como se fossem anúncios dos periódicos da narrativa – *Jornal do Sul* ou

⁴ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 9, colchetes nossos.

⁵ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 11.

Diário de Ilhéus) ou poemas (como se escritos por um dos personagens, o professor e poeta Josué), Jorge Amado vai nos guiando pelas ruas de uma das cidades do coração, vestindo a pele e o ponto de vista múltiplo de seus personagens, até chegarmos em uma de suas casas no centro de Ilhéus...

Quando a procissão desembocou na praça São Sebastião, parando ante a pequena igreja branca, quando Glória persignou-se sorridente em sua janela amaldiçoada, quando o árabe Nacib avançou do seu bar deserto para melhor apreciar o espetáculo, então aconteceu o falado milagre. Não, não se encheu de nuvens negras o céu azul, não começou a cair a chuva. Sem dúvida para não estragar a procissão. Mas uma esmaecida lua diurna surgiu no céu, tão perfeitamente visível apesar da claridade ofuscante do sol.⁶

... ou mesmo o recurso jornalístico e das séries de televisão dos subtítulos – DE COMO NACIB DESPERTOU SEM COZINHEIRA; GABRIELA NO CAMINHO; PARÊNTESES DA ADVERTÊNCIA; FECHANDO-SE O PARÊNTESES, CHEGA-SE AO BANQUETE – até desembarcarmos nos ensinamentos sobre as técnicas da não ficção tão semelhantes às da ficção do professor da PUCRS, escritor gaúcho e um dos primeiros doutores em Escrita Criativa do Brasil, Bernardo de Moraes Bueno.⁷

Bueno nos ensina que as narrativas de não ficção, assim como as de ficção, são histórias e, por isso mesmo, utilizam as mesmas técnicas, porque um dos desejos da escrita, desde o tempo dos escribas no Egito antigo, é vencer a morte por meio do registro. Alguns exemplos das técnicas: é melhor escrever em cenas (mostrar e não dizer); devemos estabelecer um pacto com o leitor (na ficção, o leitor sabe que a história não é real; na não ficção sabe que é real); é preciso escolher um recorte – na ficção, assim como na não ficção, seria o tempo/espaço que inicia a história.

(Importante acrescentar estes parêntesis para falarmos sobre o belíssimo trabalho do escritor convidado do módulo sobre Jorge Amado, o paulista, sediado em Porto Alegre, Frederico Linardi, mestre e doutorando em Escrita Criativa pela PUCRS. Fred, com a sócia Regina Rapacci, criaram a Biografias & Profecias, uma editora que

⁶ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 17.

⁷ As seguintes técnicas foram extraídas das aulas ministradas pelo professor Bernardo Bueno na disciplina Oficina de Criação: o texto não ficcional e outras linguagens, da primeira turma da Especialização em Escrita Criativa Unicap/PUCRS, em maio/junho de 2020.

transforma em biografia a narrativa de pessoas anônimas e que desejam registrar suas histórias para a posteridade, utilizando-se das mesmas técnicas que Bueno nos ensina um pouco acima.)

Jorge Amado segue, em *Gabriela*, o caminho contrário. Em uma obra de ficção, usa as técnicas jornalísticas da não ficção, tecendo a crônica de um romance anunciado, como se folheássemos aquelas páginas de periódicos antigos e acompanhássemos a narrativa das fotografias.

Depois que os padres jesuítas haviam trazido as primeiras mudas de cacau. Quando os homens chegados em busca de fortuna, atiraram-se para as matas e disputaram, na boca das repetições e dos parabéluns, a posse de cada palmo de terra. Quando os Badarós, os Oliveiras, os Braz Damásio, os Teodoros das Baraúnas, outros muitos, atravessavam os caminhos, abriam picadas, à frente dos jagunços, nos encontros mortais. Quando as matas foram derrubadas e os pés de cacau plantados sobre cadáveres e sangue. Quando o caxixe reinou, a justiça posta a serviço dos interesses dos conquistadores de terra, quando cada grande árvore escondia um atirador na tocaia, esperando sua vítima.⁸

O próprio Amado, em entrevista para os *Cadernos de Literatura* do Instituto Moreira Salles, afirma essa passagem natural da realidade para a ficção e vice-versa, do mundo exterior para os mundos de dentro de quem escreve.

Essa ligação da literatura com a realidade, com o tempo em que eu vivia, isto já estava em mim desde o princípio.

[...]

O que acontecia é que eu passava por um lugar, via determinadas coisas e isso me influenciava. Jamais eu me dirigia para uma região com uma proposta sistematizada de coletar dados para um romance. Eu viajava porque achava agradável e não com o propósito de que isso fosse útil para a minha obra.⁹

⁸ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 21.

⁹ AMADO, Jorge. Mar de histórias. In *Edição especial – 10 anos de CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA*, número 22. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, julho de 2007, p. 54 e 55, colchetes nossos.

Os mundos de dentro de Melanie Klein ou Por uma aprendizagem do afeto em Jorge Amado

A psicanalista austríaca Melanie Klein investigou esses mundos de dentro, captados do mundo exterior, por escritores como Jorge Amado. Klein acreditava que os indivíduos, na sua mais tenra infância – desde o momento da amamentação –, transformam continuamente os objetos externos em internos, ou, em termos literários, a realidade em ficção.

O mundo interno, é preciso dizer, não é apenas o reflexo subjetivo do mundo externo, sua representação em duplo. Jean Laplanche, um dos grandes mestres da psicanálise contemporânea, comenta: “Estas imagens (internas) não são a lembrança de experiências reais mais antigas; são o depósito introjetado destas experiências, mas modificado pelo próprio processo de introjeção.” Assim, a representação interna que o bebê faz do mundo é resultado do próprio processo através do qual ela se internalizou, sendo este, por sua vez, governado pela natureza da ansiedade que o gerou. Aquilo que é introjetado será, por sua vez, novamente projetado e colorirá a natureza do receptor de sua projeção, podendo ser introjetado novamente, modificado e assim sucessivamente.¹⁰

Encontramos esse movimento de projeção (para o mundo externo) e introjeção (para o mundo interno) contínuos na personagem principal do romance de Amado. Gabriela, rosa que não se pode prender no vaso, de uma liberdade infinita, própria da criança, traz ao centro o desejo máximo do próprio autor: a liberdade de raças, gêneros, sexualidades, religiões, classes sociais para o povo brasileiro.

Ia andando para casa. Vestida de fustão, enfiada em sapatos, com meias e tudo. Em frente à igreja, na praça, crianças brincavam brinquedos de roda. [...]

Gabriela ia andando, aquela canção ela cantara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. [...]

A cantar, a rodar, a palmas bater, Gabriela menina.¹¹

¹⁰ BARROS, Elias Mallet da Rocha. BARROS, Elizabeth Lima da Rocha. Significado de Melanie Klein. In *Viver Mente & Cérebro – Memória da Psicanálise – Nº 3 – Melanie Klein*. São Paulo: Duetto Editorial, 2009, p. 10.

¹¹ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 204.

Gabriela nos coloca em dúvida sobre o limite entre a realidade e a ficção quando, diante da gaiola do pássaro sofrê, anuncia a futura traição ao marido Nacib com o galante Tónico, ao mesmo tempo justifica a necessidade de ser livre que carregamos por toda a vida desde que fomos crianças.

Quando Nacib partiu, ela sentou-se ante a gaiola. Seu Nacib era bom, pensava ela, tinha ciúmes. Riu, enfiando o dedo por entre as grades, o pássaro assustado a fugir. Tinha ciúmes, que engraçado... Ela não tinha, se ele sentisse vontade podia dormir com outra. No princípio fora assim, ela sabia. Deitava com ela e com as demais. Não se importava. Podia ir com outra. Não para ficar, só pra dormir. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Que pedaço tirava se Josué lhe tocava a mão? Se seu Tónico, beleza de moço!, tão sério na vista de seu Nacib, nas suas costas tentava beijar-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, se seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo? Com todos eles dormia cada noite, com eles e com os de antes também, menos seu tio, nos braços de seu Nacib. Ora com um, ora com outro, o mais das vezes com o menino Bebinho e com seu Tónico. Era tão bom, bastava pensar.¹²

Poderíamos considerar o romance de Amado como um manifesto à liberdade feminina, em especial nas figuras de Gabriela, Glória e Malvina – a filha do coronel Melk Tavares que proibiu o namoro dela com o engenheiro casado Rômulo e o expulsou da cidade ameaçando-o com um chicote.

Malvina esperava no alto dos penedos. Embaixo, as ondas chamavam. Ele não viria, de tarde quase morreria de medo, ela agora compreendia. Fitou a espuma a voar, as águas chamavam, por um instante pensou em se atirar. Acabaria com tudo. Mas ela queria viver, queria ir-se de Ilhéus, trabalhar, ser alguém, um mundo a conquistar. Que adiantava morrer? Nas ondas atirou os planos feitos, a sedução de Rômulo, suas palavras e o bilhete que ele lhe escrevera dias depois de desembarcar. Dava-se conta Malvina do erro cometido: para sair dali só vira um caminho, apoiada no braço de um homem, marido ou amante. Por quê? Não era ainda Ilhéus agindo sobre ela, levando-a a não confiar em si própria? Por que partir pela mão de alguém, presa a um compromisso, a dívida tão grande? Por que não partir com seus pés, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia. Não pela porta da morte, queria viver e ardentemente, livre como o mar sem limites. Segurou os sapatos, desceu dos rochedos, começou a esboçar um plano. Sentia-se leve. Melhor do que tudo fora ele não ter vindo, como poderia viver com um homem covarde?¹³

¹² AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 183.

¹³ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 199.

O contínuo movimento de projeção para o mundo externo e introjeção para o mundo interno de Melanie Klein acontece, sobretudo, com as personagens femininas, mas, também, com as masculinas, trazendo, para o centro da história, o perdão, o arrependimento, o desejo de irmandade entre os seres humanos na obra de Jorge Amado.

Foi depois da sesta. Antes da hora do aperitivo da tarde, naquele tempo vazio, entre as três e as quatro e meia. Quando Nacib aproveitava para fazer as contas da caixa, separar o dinheiro, calcular os lucros. Foi quando Gabriela, terminando o serviço, partiu para casa. O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de Cana de Ilhéus. [...] Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d'água, Iemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. [...] Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo de vidro grosso, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela ria contente, diria a gemer: “Precisava não, moço bonito...”¹⁴

A casa

Pesadas cadeiras austríacas, de alto espaldar, negras e torneadas, o couro trabalhado a fogo. Pareciam colocadas ali para serem olhadas e admiradas, não para nelas sentar-se. A outro qualquer intimidariam. De pé, o coronel Altino Brandão admirava mais uma vez a sala. Na parede, como em sua casa, retratos coloridos – confeccionados por florescente empresa paulista – do coronel Ramiro e de sua falecida esposa, um espelho entre os dois. Num ângulo, um nicho com santos. Em lugar de velas, minúsculas lâmpadas elétricas, azuis, verdes, vermelhas, uma boniteza. Na outra parede, pequenas esteiras japonesas de bambu, onde se viam cartões-postais, retratos de parentes, estampas. Um piano ao fundo, coberto com um xale negro de ramagens cor de sangue.¹⁵

Se quiser conhecer uma cidade, vá para o lugar mais alto. Se deseja conhecer um escritor, visite a sua casa.

Jorge Amado teve várias. Nascido em Ferradas, distrito de Itabuna, passou a infância e a adolescência entre Ilhéus e Salvador, mudando-se, jovem adulto, para o Rio

¹⁴ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 320-321.

¹⁵ AMADO, Jorge. Op. cit., (1958 in) 2012, p. 184.

de Janeiro. Na cidade maravilhosa inicia seus escritos – a novela *Lenita*, em parceria com Dias da Costa e Edison Carneiro. Publica *O país do carnaval*, *Jubiabá*, *Capitães da areia* e *Terras do sem fim*, sendo considerado um dos principais expoentes do regionalismo na década de 1930. Entra para o Partido Comunista, é eleito deputado federal, mas tem seu mandato cassado em 1948. Muda-se, em exílio voluntário, para Paris com Zélia Gattai, sua segunda esposa. *Gabriela* e outros romances, como *Tenda dos milagres*, vêm exatamente nesse momento da vida e da obra de Amado e inauguram o imaginário do Brasil tropical, com suas casas-grandes, a miscigenação racial e o sincretismo religioso.

E se pudéssemos visitar as casas de Ilhéus e Salvador do criador de *Gabriela*? O que veríamos, o que escolheríamos narrar? Em tempos de pandemia, de isolamento social, de impossibilidade de adentrar os mundos de fora dos escritores escolhidos, e amados, e estudados, como poderíamos apreender as suas casas e submergir nos seus mundos de dentro? É o que veremos no nosso exercício de desbloqueio.

Filmes sobre Jorge Amado e a Escrita Criativa

- 1) *100 anos de Jorge Amado* (2012):
<https://www.youtube.com/watch?v=OZ42SkMli38>
- 2) *Jorge Amado: o escritor e o personagem* (2012):
<https://www.youtube.com/watch?v=5DD0pZiD-yM>
- 3) *Capitães da areia* (2011): https://www.youtube.com/watch?v=VTav_7PbnpU

Exercício de desbloqueio

Faz de conta que podemos viajar para Ilhéus. Faz de conta que estamos em Salvador. Navegamos pela rua Jorge Amado, no centro de Ilhéus, e chegamos ao número 21. Subimos o Pelourinho, em Salvador, e descansamos na rua Alagoinhas, número 33. No exercício de desbloqueio de hoje, vamos imaginar essa(s) viagem(ns), vamos escrever não ficção usando a imaginação e as técnicas da ficção.